

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL

CRISTIANE DOS SANTOS DE AZEVEDO

PSICOPEDAGOGIA: UMA NOVA VISÃO DIANTE DAS DIFICULDADES DE
APRENDIZAGEM

ANÁPOLIS

2015

CRISTIANE DOS SANTOS DE AZEVEDO

**PSICOPEDAGOGIA: UMA NOVA VISÃO DIANTE DAS DIFICULDADES DE
APRENDIZAGEM**

Diagnóstico Psicopedagógico Clínico apresentado à
Coordenação da Faculdade Católica de Anápolis como
requisito básico para a obtenção do título de Especialista
em Psicopedagogia Institucional e Clínica sob orientação
da Professora Especialista Ana Maria Vieira de Souza.

ANÁPOLIS

2015

CRISTIANE DOS SANTOS DE AZEVEDO

PSICOPEDAGOGIA: UMA NOVA VISÃO DIANTE DAS DIFICULDADES DE
APRENDIZAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
coordenação do Curso de Especialização em
Psicopedagogia Clínica e Institucional da Faculdade
Católica de Anápolis como requisito para obtenção do
título de Especialista.

Anápolis-GO, 31 de outubro de 2015.

APROVADA EM: _____/_____/_____

NOTA _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Esp. Ana Maria Vieira de Souza
Orientadora

Prof^a. Esp. Aracelly Rodrigues Loures Rangel
Convidada

Prof^o Ms. Hallan Bastos de Lima

Convidado

RESUMO

Embora o conhecimento e aprendizagem estejam atreladas à nossa sobrevivência, para muitas crianças, jovens e adultos a aprendizagem sistemática é um verdadeiro martírio. É nesta perspectiva que o estágio clínico possibilita investigar e encaminhar uma criança. Foi utilizada como fonte da pesquisa as bibliografias de autores como Nádya Bossa, Gislaine de Campos Oliveira, Leila J. Chamat entre outros e pesquisa de campo, cujo objetivo foi além da conclusão do curso, possibilitar à uma criança a superação dessas dificuldades de aprendizagem. Os resultados foram diagnosticados através de entrevistas, provas projetivas e operacionais que viabilizaram identificar a posição em que a criança se encontra, ou seja, não se reconhece como ser humano e sim como objeto, se situa no lugar do insignificante, do medo, sua idade mental é diferente da cronológica, necessitando de acompanhamento psicológico e psicopedagógico.

Palavras-chave: Acompanhamento. Aprendizagem. Resultados

ABSTRACT

Although knowledge and learning are linked to our survival, for many children, youth and adults the systematic learning is a true martyrdom. It is in this perspective that the clinical stage enables investigate and refer a child. It was used as a research source bibliographies of authors like Nádia Bossa, Gislaine de Campos Oliveira, Leila J. Chamat among others and field research, whose goal was beyond the end of the course to enable a child to overcome these learning disabilities. The results were diagnosed through interviews, projective and operational evidence that enabled identify the location where the child is, so, not recognized as a human but as an object, is located in place of insignificant, of the fear, their mental age is different from chronological, requiring psychological and psycho-pedagogical supervision.

Keywords: Accompaniment. Learning. Results

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 DIAGNÓSTICO	7
1.1 ANAMNESE	7
1.2 ENTREVISTA CENTRADA NA APRENDIZAGEM	7
1.3 PROVAS PROJETIVAS	8
1.3.1 Desenho Da Pessoa Humana	8
1.3.2 Desenho Livre	8
1.3.3 Desenho Da Família	8
1.3.4 Quatro Momentos Do Meu Dia	9
1.3.5 Pareja Educativa	9
1.3.6 Leitura Do Livro Só Com Figura	9
1.4 PROVAS DE PIAGET	9
2 INFORME PSICOPEDAGÓGICO	11
3 DISCUSSÃO TEÓRICA DO CASO	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
REFERÊNCIAS	19

ANEXOS

20

INTRODUÇÃO

A psicopedagogia estuda o processo de aprendizagem e suas dificuldades, atuando em duas vertentes, sendo uma de caráter preventivo, a qual deve-se alcançar tanto o ambiente escolar quanto a família e a comunidade cuidando para que se compreenda as etapas do desenvolvimento infantil e dessa forma não esperar ou cobrar atitudes que estejam além da idade ou maturidade. A outra trata-se do caráter terapêutico, o qual deverá identificar, analisar e intervir contribuindo para sanar tais dificuldades (BOSSA, 1994).

Esta pesquisa realizada em uma escola da rede municipal em Anápolis visa identificar as causas da dificuldade de aprendizagem de uma criança de sete anos bem como os possíveis encaminhamentos, a fim de contribuir para o desenvolvimento da mesma.

Após um período de estudos de teorias que contribuíram para a absorção sobre a importância, a significação e a influência que um profissional da psicopedagogia poderá fazer na vida de um indivíduo, torna-se necessário a aplicação de técnicas, testes e escuta a fim de avaliar num contexto prático o próprio conhecimento.

Fazendo-se necessário o comprometimento, a busca, o interesse, o despertar para uma visão mais humana, um olhar diferenciado que percebe de forma detalhada o indivíduo, o

psicopedagogo atuará com determinação, dedicação e empenho para devolver o brilho nos olhos, o sorriso ao rosto de uma criança que muitas vezes tachado de “burro” ou “retardado” se esconde de um mundo belo cheio de formas e cores.

Reconhecer que nem sempre a escola ou o professor seja capaz de promover um ambiente favorável à aprendizagem de todos com igualdade, bem como relacionar a dificuldade à instituição não acontece em todas as escolas, uma vez que geralmente as particulares se negam a aceitar que existam dentro deste âmbito alguém com dificuldade de aprendizagem, fator que motivou a escolha à uma escola municipal, de periferia, onde a clientela predominante é a classe baixa, a qual apontou vários nomes mercedores de acompanhamento. Uma direção que acredita no trabalho do psicopedagogo clínico, pois o vê como um profissional capaz de reintegrar o sujeito ao processo de construção do conhecimento.

Esta análise é um processo de investigação que irá ao final proporcionar um diagnóstico apontando porque o sujeito em questão encontra-se em dificuldade e não aprende, bem como possíveis encaminhamentos.

Isso se dará a partir de observações, escuta, anamnese, entrevista operativa centrada na aprendizagem, desenhos, leitura e provas de Piaget, a fim de colher dados significativos que possibilite um diagnóstico preciso e seguro.

1 DIAGNÓSTICO

Diagnóstico é o levantamento de dados a partir da aplicação de vários testes que irão detectar qual o motivo da não aprendizagem do sujeito. Trata-se de investigar a partir de entrevista desde a concepção do indivíduo, para obter uma compreensão de como o sujeito aprende e quais desvios ocorreram nesse processo (WEISS, 2001).

Dessa maneira o diagnóstico será pautado a conhecimentos teóricos e práticos, pois para Weiss, o diagnóstico trata-se de “ uma pesquisa-ação, que possibilitará ao terapeuta aventar sempre hipóteses provisórias que irão sendo confirmadas, ou não, ao longo do processo” (WEISS, 2001).

Ao longo de três meses de investigação com a criança G., do 2º ano, de 7 anos a princípio, depois 8, que demonstra comportamento tímido durante as sessões, que vez em quando deixa brotar o sorriso nos lábios, que fala pouco, mas que transborda energia durante o horário do recreio, foi parar neste universo de críticas e dificuldades em aprender conteúdos próprios da idade. Os sentimentos que acarretam a frustração por esta cobrança em aprender.

Muitas são as hipóteses, porém há que se amparar nas teorias para não cair no senso comum.

1.1 ANAMNESE

Entrevista a fim de apurar a relação entre a queixa manifesta, ou seja, a reclamação apresentada pela família ou escola e a queixa latente, aquela que irá aparecer após um período de investigação e será o verdadeiro motivo causador da dificuldade de aprendizagem.

Deverá ser feita com os pais ou responsáveis objetivando colher dados de toda a história de vida do paciente. Este é o ponto de partida para o levantamento de hipóteses e deverá ser bem conduzido e registrado (WEISS, 2001).

Este momento deverá ser acolhedor para que a família se sinta segura em relação ao profissional e firmem o compromisso em prosseguir com a investigação até o final.

1.2 ENTREVISTA CENTRADA NA APRENDIZAGEM (EOCA)

Primeiro momento de aproximação do psicopedagogo com o paciente. Primeiro e importante teste, pois esta é a hora que poderá ocorrer uma transferência, na qual conseguirá criar um laço de confiança, um rapport que contribuirá para identificar a causa da não aprendizagem.

A partir das consignas; gostaria que você me mostrasse o que já aprendeu a fazer e fale-me sobre isto, o psicopedagogo iniciará o levantamento de hipóteses e deverá estar atento a alguns pontos fundamentais: como reage mediante a consigna (é autônomo, toma iniciativa), o que o sujeito diz com relação ao que produziu ou não, a forma como ele se comporta durante o relato (gestos, expressões faciais, modo de pegar no material) e por fim o que ele produziu ou o próprio desenho que possui características próprias e as vezes inconscientes e cabíveis de interpretações (CHAMAT, 2008).

1.3 PROVAS PROJETIVAS

1.3.1 Desenho da Pessoa Humana

É uma técnica antiga que permite avaliar fatores do desenvolvimento cognitivo e características emocionais como também os aspectos da personalidade dos sujeitos.

Econômica, de fácil aplicação e bastante utilizada em crianças por se tratar de uma tarefa não verbal (OLIVEIRA, 2002).

Após iniciar a tarefa o psicopedagogo ficará atento na reação da criança, observando se tem iniciativa, como utiliza o material, sua postura, enfim todos os detalhes (OLIVEIRA, 2002).

1.3.2 Desenho Livre

No desenho livre, o sujeito deixa vir à tona sua realidade interna, objetos do inconsciente. Sua atenção não está na realidade externa e sim na realidade interna do sujeito que revela a partir do livre suas emoções.

Neste momento a criança libera sua imaginação e manifesta o próprio desejo, revela sua vontade interior.

1.3.3 Desenho da Família

É um instrumento utilizado para avaliação de conflitos familiares da criança. Em 1952 Parot utiliza pela primeira vez um sistema de codificação do desenho da família, enfatizando três aspectos: composição da família, valorização e desvalorização dos diferentes elementos constituintes, situação na qual o sujeito se coloca em relação aos outros (ORTEGA, 1981).

Momento de avaliar o significado de cada membro da família na vida da criança e até mesmo qual posição ela ocupa neste grupo.

1.3.4 Quatro Momentos do Meu Dia

Possibilita investigar noções de rotina e a vivência da mesma, sendo necessário que uma criança compreenda a importância de se ter horários para conseguir desempenhar bem todas as suas tarefas diárias.

Usa como material, folhas de sulfite branco, lápis preto, borracha. Dobra uma folha em 4 partes iguais e pede que desenhe 4 momentos de seu dia desde a hora que acorda até a hora de dormir; depois narrar cada cena.

1.3.5 Pareja Educativa – Quem ensina e quem aprende

Uma prova, onde o sujeito atende a consigna; “Desenhe duas pessoas uma que está ensinando e uma que está aprendendo”. Cujo principal intuito é perceber as relações vinculares do aprendente com o ensinante, assim como as questões cognitivas e afetivas (CHAMAT, 2002).

Nessa técnica além do desenho é importante a fala, pois neste momento é provável que o paciente deixe transparecer suas angústias e “entregue” ao psicopedagogo símbolos conscientes ou inconscientes que tem valor e significado na história do sujeito (WEISS, 1994).

1.3.6 Leitura do Livro só com Figuras

Tem por finalidade ser utilizado como instrumento para se avaliar o desenvolvimento e aprendizagem da linguagem oral e a sequência dos fatos.

4 PROVAS DE PIAGET - Composição de classes, Transvasamento de líquidos, Sieriação simples, Conservação de quantidade, Alteração da forma de uma porção de massa e provas pedagógicas.

As cinco provas foram realizadas em uma sessão e as pedagógicas em outra. G. consegue resolver algumas demonstrando capacidade cognitiva de elaborar hipóteses, fazer sequência lógica, apresenta noções de divisão e classificação. Sua dificuldade foi que ao mudar a forma e o volume não ficou perceptível que continuava a mesma quantidade.

2 INFORME PSICOPEDAGÓGICO

A criança atendida no estágio clínico G. H. A. S., do sexo masculino, 8 anos, nascido aos 05 de julho de 2007 em Anápolis, Goiás, cursando o 2º ano do Ensino Fundamental e brasileiro. O menino apresenta comprometimento na visão, no entanto usa óculos e tem sido acompanhado adequadamente pelo oftalmologista.

A queixa apresentada pela escola foi que o aluno demonstra desinteresse pela aprendizagem e que não há acompanhamento dos pais para com a criança, a família por sua vez contradiz responsabilizando a professora pelo baixo rendimento escolar do aprendiz.

Os 14 encontros ou sessões realizadas no período de maio e junho, interrompido durante o mês de julho (férias escolares), continuado em agosto e finalizado em setembro iniciaram-se com observações durante aulas, recreio e nos materiais do paciente e entrevista com a professora, além de diversos recursos como questionário para Anamnese, Provas Projetivas (Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem (EOCA), Desenho da Pessoa Humana, Desenho Livre, Desenho da Família, Desenho dos 4 Momentos do Meu Dia, Quem

Ensina e Quem Aprende), Leitura do Livro só com Figuras, Provas de Piaget (composição de classes, transvasamento de líquidos, seriação simples, conservação de quantidade e alteração da forma de uma porção de massa) e provas pedagógicas.

Anamnese - A entrevista começa e os relatos são feitos pela mãe de G. Ela não recorda claramente detalhes sobre a gravidez e os primeiros anos de vida do filho, mas acrescenta que foi uma gravidez tranquila e que G. foi um bebê esperado por ambos.

G. iniciou na educação infantil aos três anos, porém em alguns momentos a mãe foi chamada pelo mau comportamento da criança, fator que ela relaciona à professora, pois quando mudou a professora o menino mudou o comportamento e aprendizagem.

Tanto o pai quanto a mãe demonstram sentimento de culpa por precisarem se ausentar da vida de G. a maior parte do tempo, pois precisam trabalhar. O pai relata q a criança o chama para brincar e nem sempre ele pode.

Um fato que incomoda seus pais é que durante a noite resmunga, range os dentes (bruxismo), fala, grita, chora, ri e muitas vezes anda pela casa ou vai dormir com a irmã, e mais ainda faz xixi na cama de vez em quando.

Quando questionada sobre a agressividade, a mãe tenta omitir, mas o pai conta que em vários momentos ele extravasa e puxa seus próprios cabelos, além de seus desenhos e brinquedos favoritos que remetem à violência, brinca com os animais e vez em quando bate neles e também nas irmãs e para se defender é capaz de mentir.

A criança tem uma infância tranquila segundo os pais. Algumas vezes já passou por crises de bronquite que agora está controlado.

Se relaciona bem com a família e os amigos, no entanto encontra uma dificuldade na hora de brincar, pois não aceita perder e as brincadeiras precisam ser escolhidas por ele.

Para os pais o que tem dificultado a aprendizagem de G. é a sua professora, uma vez que a mesma o trata diferente dos demais, não tem paciência ao ensiná-lo, grita e apaga o quadro antes que ele copie.

Percebe-se então posturas diferentes entre pai e mãe. Enquanto o pai tenta demonstrar mais ser mais rigoroso a mãe deixa transparecer um sentimento de culpa e permissividade, pois tenta compensar a ausência não punindo a criança ou omitindo as reações que ela não concorda que ele tenha, como no caso da agressividade e mentiras.

A questão da enurese por remeter ao choro ou tristeza deverá ser apurada em outro momento, a fim de comprovar qual fator tem incomodado esta criança fazendo com que ela a demonstre dessa forma.

EOCA - Durante o primeiro encontro G. demonstra alegria em saber o motivo de ter na sua frente uma pessoa que lhe dará atenção.

Ao ser solicitado a mostrar o que sabe fazer não se entusiasma e diz que não quer desenhar.

Não fala nada e apenas olha. Olha na caixa e a caixa de tintas chama sua atenção, porém não se encoraja para pegá-la. Quando abro a mesma, finalmente pega as tintas, o pincel, a folha e começa a fazer o desenho de um carro.

Peço para que fale sobre e ele diz que gosta de carrinhos, que tem carrinhos e também faz vários desenhos, inclusive para os colegas, mas que sua brincadeira favorita é o videogame, que gosta de todo tipo de jogo.

Apresenta-se um garoto tímido, sem empolgação para as letras e números. O que gosta na escola não é do aprender e sim dos amigos e das brincadeiras.

Desenho da Pessoa Humana – Dessa vez toma atitude para pegar o material e começar a desenvolver o que foi proposto. A criança faz o desenho de um personagem de filmes e jogos, o “super saiadinho” que luta contra o mal para salvar o planeta.

O menino vive a angústia e que ser salvo. Vive a fantasia, no mundo da imaginação para ser feliz. Em nenhum momento relata a escola, a aprendizagem, pois é a aflição que vive.

Desenho Livre – Para G. esse foi um momento de muito entusiasmo, pois quando solicitado a fazer desenho livre ficou bem animado e fez vários desenhos de seus personagens favoritos, a turma do Naruto. Reflete sobre cada detalhe e não esquece das armas que cada desenho possui.

Todos os desenhos masculinos são feitos no modo paisagem e uma mulher no modo retrato, aparentemente inconscientemente transmite o poder de liderança do sexo masculino.

Conta e reconta a história dos personagens que lutam entre si, mas também contra o mal para proteger a terra.

G. escreve em uma das folhas ”Naruto” para facilitar a minha procura, já que me comprometi em ver o desenho, não escreve seu próprio nome, pois se assim o fizesse não iria encontrar.

Desenho da Família – A criança diz não saber desenhar uma família, no entanto após conversar e incentivá-lo ele resolve fazer a tarefa.

Ao desenhar o pai parece refletir sobre cada detalhe, seus traços são firmes em todos os desenhos, o restante é feito normalmente, sem pensar muito.

Este pai nos mínimos detalhes é quem trabalha muito e ajuda o filho nas tarefas vez em quando, que grita com ele por causa das intrigas da irmã mais velha, que não brinca com G., mas bate por causa do baixo rendimento escolar.

A mãe não tem boca, o que comprova sua fala de que a mãe o deixa fazer tudo, mas vez em quando bate se ele não vai bem na escola.

Já a irmã mais nova significa para G. um “porto seguro”, uma vez que esta é a que brinca, o ajuda e está sempre com ele.

Quatro Momentos do Meu Dia – Ao desenhar os quatro momentos faz os brinquedos e a figura de apenas uma pessoa, a qual relata ser a irmã mais nova que brinca com ele.

Não se desenha comprovando não se reconhecer ou que se vê na figura dessa irmã. Não aponta partes de rotina alguma reafirmando a ausência da mesma no grupo familiar.

Quem Ensina e Quem Aprende - Este foi um dia em que G. queria conversar, pois estava abalado com a acontecimento do assassinato de uma mulher, cujo suas filhas eram suas colegas de classe. Falamos sobre o assunto e então deu-se início a nossa sessão.

Desenhou a professora no que seria a sala de aula e o quadro. Ao falar sobre; diz gostar da professora, que ela não grita e o ensina a tarefa. Conta que não se comportava bem e que agora está melhor na sala, não briga mais nem xinga os colegas como fazia antes.

Ao relatar a história do homicídio se revela um sujeito epistemofílico por trazer a questão da morte e vingança, uma vez que acrescenta acreditar que deveriam matar o assassino.

G. faz uma professora grande demonstrando que ela sabe fazer as atividades. Não há nada no quadro o que comprova que ele está presente e ao mesmo tempo ausente, pois não há aprendizado.

Leitura do Livro só com Figuras – (Uma Casa Massa - Luna). Narra a história dando detalhes das cenas e nomes aos dois personagens. Dá ênfase na organização dos cômodos, provavelmente por ter esta cobrança em casa. Mostrou-me na ocasião que se envergonha ao ganhar uma lembrancinha, talvez não acredite que seja merecedor.

G. vive com seu pai, 37 anos, cursou até a 5ª série, motorista, sua mãe 36 anos, cursou até a 8ª série e duas irmãs, uma de 11 anos e outra de 14 anos. De classe econômica média baixa, em que seus membros gozam de perfeita saúde, os quais possuem valores e boa índole, que não apresentam rotina em seus hábitos familiares.

Filho de uma gravidez desejada e planejada que seguiu fielmente o pré-natal e nasceu de parto normal. Foi amamentado até os 9 meses e sua papinha foi amassada até aproximadamente completar 1 ano.

Engatinhou aos dez meses, andou e falou com 1 ano de idade aproximadamente. Foi cuidado pela mãe, aos 3 anos por uma babá e em seguida passava os dias na creche.

A hora de dormir não é fácil para G., pois não gosta de dormir sozinho o que gera inquietação, tem pesadelos constantes, acorda chorando, conversa, ri e acaba se levantando para dormir com a irmã mais nova, a qual mantém um bom relacionamento.

Por causa do seu comportamento agitado a mãe buscou ajuda médica, a qual encaminhou a criança para uma consulta com um neurologista, mas a família não procurou o mesmo. Em certa ocasião a mãe medicou a criança com Ritalina a pedido de um médico que após fazer uma única entrevista com a mãe receitou o tratamento que foi suspenso pela mesma após 30 dias.

Os pais relatam que G. encontra facilidade em socializar-se, gosta dos amigos, de fazer novas amizades, de brincar e principalmente jogar no vídeo game jogos de lutas, porém durante suas brincadeiras demonstra dificuldade em aceitar que outros deem a ordem. Não aceita perder e todos precisam se submeter às suas vontades. Ao brincar com o animal de casa, dois cachorros, os maltrata puxando-os pelas orelhas, acerta objetos e dá socos e tapas.

Expõe suas emoções e fantasias no momento do jogo, mas na hora de fazer as atividades da escola chora e tem que forçá-lo para que ele faça.

Apesar dos atritos existentes entre G. e a irmã mais velha, há carinho no ambiente familiar.

Dos adjetivos que se aplicam à criança estes foram listados pelos pais; descuidado, indiferente, lento, sociável, sensível, ativo, participativo, esperto, curioso, desinteressado, inquieto, teimoso, criativo, agressivo, mimado, inseguro, carinhoso, independente e dissimulado.

A partir das análises em seus desenhos e testes percebe-se que a criança vive a angústia, que o império da imagem fala mais alto em sua vida, uma vez que ele queria ser este Naruto, com superpoderes, que consegue resolver todos os problemas.

Ao fazer os desenhos em que se espera que sua própria imagem seja retratada e isso não acontece, mostra que este menino que não aparece é um alguém que não se vê, não tem identidade, não se reconhece como ser humano e sim como objeto.

G. não apresenta noção de tempo e rotina e necessita disso, onde estaria a família para se responsabilizar e ensinar para ele sobre a higiene, ir à escola, o que se faz quando chega em como reagir em outros momentos do dia.

Ao desenhar a professora a apresenta quase que como um Naruto, grande e cheia de conhecimentos. O quadro vazio retrata sua relação com o aprendizado, pois mesmo tendo uma boa professora isto não acontece, está presente e ao mesmo tempo ausente, escondido. É um sujeito epistêmico sendo capaz de a partir de figuras compreender uma história.

Encontra-se no período Operatório Concreto que ocorre aproximadamente dos sete aos onze anos segundo Piaget e no nível alfabético. Quando solicitado para fazer as provas de Piaget e pedagógicas que são próprias para sua idade e nível não consegue fazê-las, no entanto as que estão abaixo do seu nível consegue cumprir a tarefa, fator que condiz que sua idade mental é diferente da idade cronológica, portanto é regredido.

O fato da enurese justifica o comprometimento que implica em um transtorno, o que faz com que G. se situe no lugar do nada, do insignificante e do medo. Comprova isto também ao ranger os dentes ao dormir, fator que remete ao bruxismo o que demonstra mais uma vez que algo o incomoda. Neste caso será sugerido aos pais o tratamento, procura de um dentista que irá medir o grau de prejuízo que já foi causado e que ainda poderão ser adquiridos.

Não está preparado para aprender necessitando ser acompanhado por um Psicopedagogo e um Psicólogo.

3 DISCUSSÃO TEÓRICA DO CASO

“O trabalho clínico se dá na relação entre um sujeito com sua história pessoal e sua modalidade de aprendizagem, buscando compreender a mensagem de outro sujeito, implícita no não aprender” (BOSSA, 1994, p. 11).

Então torna-se alvo de investigação até mesmo esta interação entre o pesquisador e seu objeto-sujeito, fazendo-se necessário que o psicopedagogo perceba o quê, como e porque o sujeito aprende e ainda preocupar-se com a dimensão dessa relação para favorecer a aprendizagem (BOSSA, 1994).

No exercício clínico, o psicopedagogo deve reconhecer a sua própria subjetividade na relação, pois trata-se de um sujeito estudando outros sujeitos. Essa inter-relação de sujeitos, em que um procura conhecer no outro aquilo que o impede de aprender, implica uma temática muito complexa. Ao psicopedagogo cabe saber como se constitui o sujeito, como este se transforma em suas diversas etapas de vida, quais os recursos de conhecimento de que ele dispõe e a forma pela qual produz conhecimento e aprende (BOSSA, 1994, P. 14).

Esse saber requer do profissional uma busca constante a teorias capazes de proporcionar conhecimentos adequados, a fim de reconhecer como ocorre a aprendizagem. Estudos detalhados sobre diversos fatores que afetam a possibilidade da aprendizagem, como as influências afetivas e as representações inconscientes. Faça uma reflexão sobre a distinção entre ensinar e aprender e de que maneira os métodos educativos e os transtornos podem interferir na aprendizagem (BOSSA, 1994).

Dessa forma para Bossa; “No trabalho clínico, conceber o sujeito que aprende como sujeito epistêmico-epistemofílico implica procedimentos diagnósticos e terapêuticos que considerem tal concepção” (BOSSA, 1994).

É a partir de tais procedimentos que o sujeito põe para fora o que recusa reconhecer si mesmo, pois neste momento é possível que haja manifestações inconscientes, sem medo, cabendo ao profissional o olhar e a escuta adequados capazes de decifrar uma mensagem por meio dos códigos que serão representados por meio do jogo, através do silêncio, de um gesto ou até mesmo de uma recusa (BOSSA, 1994).

Enfim, o psicopedagogo deverá estruturar-se em um conjunto de conhecimentos, assumindo uma postura clínica para ouvir essa mensagem e se constituir uma matriz teórica interpretativa para inserir no sujeito epistêmico o sujeito desejante de aprendizagem (BOSSA, 1997).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A psicopedagogia clínica permite observar, investigar, identificar e analisar fatores que causam dificuldade de aprendizagem por meio de técnicas e testes a fim de averiguar desde a concepção do ser, pois são diversos os fatores que poderão gerar em determinado momento da vida do sujeito algum bloqueio que acarretará na não aprendizagem.

Esses fatores podem ser biológicos, históricos, culturais, ou econômicos, além dos de ordem orgânica como; cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos.

Sendo assim buscou-se durante o período de estágio contribuir para que uma criança da rede pública de ensino fosse diagnosticada para finalmente buscar tratamento adequado, a fim de recuperar o desejo pela aprendizagem.

A instituição por sua vez atendeu de forma amistosa e durante todo o tempo foi solícita nos dias de sessões facilitando e contribuindo para que o atendimento fosse realizado sem prejuízos para o paciente. Manifestou ainda interesse no trabalho psicopedagógico como uma proposta de resolução para as dificuldades da criança.

É possível reconhecer a importância e tamanha responsabilidade que há no trabalho do psicopedagogo, uma vez que toda sessão exige estudo, aprofundamento em diversas teorias, pois lidar com a vida de um ser humano, uma criança, a qual deposita neste profissional sua confiança e tenta se dá uma nova oportunidade de se reconhecer como sujeito autônomo, produtor do seu próprio conhecimento, onde não há barreiras, não é nada superficial, pois requer também que haja uma entrega do sujeito que irá cuidar do caso.

Ser participante desse processo de descoberta torna o psicopedagogo um profissional diferenciado, capaz de ver nas entrelinhas o que há de errado, enquanto que a maioria não consegue enxergar o que muitas vezes está em evidencia.

Os procedimentos práticos e as teorias utilizadas durante o estágio fazem entender a necessidade da busca incessante por conhecimento pelo profissional para que seja capaz de cumprir seu papel de mediador com o objetivo de averiguar e propor intervenções, a fim de ajudar o sujeito a reelaborar sua história para resgatar o curso normal da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BOSSA, Nádia. **A Psicopedagogia no Brasil: Contribuições a Partir da Prática**. Porto Alegre. Artes Médicas Sul.1994.

CHAMAT, Leila J. **Técnica de Diagnóstico Psicopedagógico**. São Paulo. Vetor. 2008.

OLIVEIRA, Gislaine de Campos. **Avaliação Psicomotora: A luz da psicologia e psicopedagogia**. Petrópolis. Ed. Vozes. 4º ed. 2002.

ORTEGA, A. C. Desenho da Família como Técnica de Investigação Psicológica. Arquivos Brasileiros de Psicologia. 1981, página 78.

WEISS, M. L. L. **Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem Escolar**. Rio de Janeiro. Lamparina. 14ª edição. 2001.

ANEXOS

Anexo A - Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem (EOCA)

Anexo B - Desenho da Pessoa Humana

Anexo C - Desenho Livre

Anexo D - Desenho da Família

Anexo E - Desenho dos 4 Momentos do Meu Dia

Anexo F - Quem Ensina e Quem Aprende

Anexo G - Provas Pedagógicas

Anexo H – Declaração de Estágio

Anexo I – Encaminhamento de Estágio

Anexo J – Termo de Consentimento

Anexo K – Controle de Frequência

Anexo L – Termo de Compromisso